



## RESENHA/RECENSÃO - BOOK REVIEWS

BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. [Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho; revisão da tradução de Gentil Avelino Titton] Petrópolis: Vozes, 2017. 288 p. ISBN 978-85-326-5360-4. Preço R\$ 47,90

[Título original em inglês: BERGER, Peter L. *The Many Altars of Modernity – Toward a Paradigm for Religion in a Pluralist Age*. Walter de Gruyter GmbH, Boston/ Berlin, 2014. 161 p.]

Ezequiel Hanke\*

O livro “*Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*”, apresenta a necessidade de um novo paradigma que substitua a teoria da secularização para que se possa compreender o paradigma posto da relação entre modernidade e religião. Dentre os fatos que sustentavam a noção de secularização está a má compreensão do pluralismo, a coexistência de diferentes cosmovisões e sistemas de valores na mesma sociedade, sendo esta a maior mudança provocada pela modernidade em relação à religião. Isto se refere tanto à consciência das pessoas ou mesmo às ordens institucionais. Diante desta

---

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST, possui graduação (2013) e mestrado (2015) em Teologia. No ano de 2010 realizou graduação sanduíche na Georg-August-Universität Göttingen, Alemanha, com bolsa CAPES. E-mai: [ezehanke@yahoo.com.br](mailto:ezehanke@yahoo.com.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5613412831465560>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-9348-3491>.



constatação, Berger afirma que a teoria da secularização se tornou empiricamente insustentável. Este é, sobretudo, o ponto de discussão na presente publicação.

Peter Ludwig Berger nasceu em Viena em 1929 e emigrou para os Estados Unidos aos 17 anos. Ensinou sociologia e teologia na Escola de Teologia da Universidade de Boston, onde foi diretor do Institute for the Study of Economic Culture. Junto de Thomas Luckmann teorizou acerca da realidade como construção social (*The Social Construction of Reality. A Treatise in the Sociology of Knowledge*, 1967) e a maior dedicação científica aparece no campo da sociologia da religião, que lhe define como um teólogo laico, condição que impregna sua obra, na qual aparecem relevantes textos no campo da teoria sociológica, sociologia política e globalização. Foram traduzidos para a língua espanhola e portuguesa, entre outros títulos: *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*, 1963; *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. (com Thomas Luckmann), 1966; *Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*, 1969; *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno* (com Thomas Luckmann) 1995; *A revolução capitalista*, 1992; *Muitas Globalizações - Diversidade Cultural no Mundo Contemporâneo* (com Samuel Huntington), 2004, dentre outros.

A reflexão sociológica de Peter Berger sobre religião é bastante rica e abrangente, sendo que o autor trabalha com recursos de diferentes áreas como sociologia, antropologia, teologia, psicologia, filosofia, etc. Seu pensamento é objeto de muitas críticas sendo as principais em relação à sua visão política conservadora, no entanto, não há como negar a importância de sua contribuição para pensar religião na contemporaneidade. O sociólogo e teólogo luterano faleceu em 27 de junho de 2017.

Na obra em questão, no primeiro capítulo ao definir “pluralismo” Berger afirma que ao longo da história da filosofia significava basicamente várias formas de ver a realidade, (p. 19) mas o que interessa é o fato empírico na sociedade que é experimentado por pessoas comuns. Para Berger, o conceito de “pluralismo”, que, aliás, é muito mais antigo que a imprensa e a máquina a vapor (p.26), significa “uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente.” (p. 20) o que se torna um paradoxo pensando em sociedades totalmente segregadas. Uma das consequências do pluralismo é que este relativiza as certezas com as quais o ser humano costuma viver,

sendo que “a certeza se torna uma mercadoria escassa” (p. 33) e assim o fundamentalismo é um esforço para “restaurar a certeza ameaçada” (p. 34). É a experiência da relatividade que aterroriza os fundamentalistas e da qual costumam fugir. Ao mesmo tempo, os relativistas tem um problema de como explicar que somente eles veem a realidade como ela é, enquanto os demais estariam se segurando em parcialidades. Nesse sentido, para Berger a maioria das pessoas vivem no meio termo entre negar e louvar a relatividade (p. 40).

No segundo capítulo avalia o conceito de religião e aponta que todo conceito não corresponde plenamente à realidade, mas é útil na medida em que auxilia na classificação de fenômenos e a descobrir empiricamente onde as classificações falham (p. 47). Ao questionar como a modernidade afeta a religião, Berger afirma que no período que corresponde ao iluminismo a religião veio a ser equiparada à superstição e que seria varrida pela luz brilhante da razão (p. 48). Preconceito que veio a existir do iluminismo em relação à religião. Do que se apresentou no capítulo anterior, o fenômeno do pluralismo veio a alimentar a secularização, sendo que a partir de vários exemplos de religiões, Berger indica que o fenômeno do pluralismo não se restringe apenas ao ocidente, mas se espalha nas práticas religiosas desde os Estados Unidos até a Ásia.

No terceiro capítulo, Berger retoma a teoria de Albert Gehlen já citada no primeiro capítulo para delinear o caráter das instituições. Com base em Gehlen, afirma que “instituição é um programa de comportamento, que, quando adequadamente interiorizado, faz o indivíduo agir espontaneamente e sem muita ou nenhuma reflexão no setor relevante da vida social” (p. 77). Nesse sentido, para discutir o fenômeno da desinstitucionalização, emprega o termo “subjetivação” empregado por Gehlen para considerar um fato social como uma coisa, trata-se, sobretudo, de uma espécie de transição do fato objetivo à decisão subjetiva, o que Gehlen vê como “instituições secundárias” (p. 90). Para seguir discutindo os efeitos do pluralismo, o autor menciona ainda a fé como aspecto que tem profunda relação com a modernidade, e que, não por último, “constitui uma enorme mudança do destino para a escolha na condição humana” (p. 105).

No quarto capítulo, aborda importante discussão acerca do lugar da religião no fenômeno pluralista e destaca o pluralismo de diferentes opções religiosas e o

pluralismo do discurso secular. Surgem as diferentes estratégias políticas para a administração do pluralismo religioso. Aponta que a separação entre Igreja e Estado foi o modelo predominante para administrar o pluralismo nos Estados modernos (p. 123). Retoma o fato de que na área da religião as certezas aparecem em duas versões: o relativismo, que produz um credo a partir da incerteza, e o fundamentalismo, que pretende restaurar o sentido da certeza. O primeiro, menos difundido porque a maioria não é constituída de filósofos e a proposta do relativismo é de que a verdade absoluta simplesmente não existe (p. 131). Ambos, no entanto, são perigosos conforme o autor: o relativismo encaminha os indivíduos no sentido do niilismo moral, e o fundamentalismo no sentido do fanatismo, sendo nenhum atraente enquanto modo de vida. Nesse sentido, a teoria das instituições de Gehlen, aponta para o fato de que Instituições funcionam melhor quando elas se assemelham aos instintos – programas de comportamento e o pluralismo moderno se mostra como uma ameaça. “Pensar muito é ruim para a estabilidade social, portanto os intelectuais são alvos da possível vigilância policial” (p. 134). Assim sendo, a liberdade religiosa pode ser limitada ou geral, e independente do seu valor intrínseco, uma dose de liberdade religiosa se torna um imperativo político (p. 135).

No quinto capítulo o autor propõe o conceito de modernidades múltiplas articulado por Alfred Schütz, em que elabora a relação entre secularidade e religião nas sociedades modernas. Podemos ver por meio de estudos de caso que as fronteiras entre religião e secularidade, podem ser desenhadas de diversas formas, sendo que para o autor há um pluralismo na mente de indivíduos e da sociedade, e há um pluralismo importante entre o discurso secular e o religioso, com diferentes versões da modernidade e delineamentos da coexistência entre ambas. Salaria ainda que o pluralismo deve ser politicamente administrado. Como exemplo, cita a Grã-Bretanha, em que a separação entre Igreja e Estado é uma realidade social mesmo negada na definição oficial do Estado.

No sexto capítulo o autor afirma que uma teoria útil do pluralismo deve combinar dois elementos: o componente individual e o componente político do fenômeno, que geralmente são discutidos separadamente (p. 158). Nesse sentido, um importante problema a ser apontado, é sobre a forma como o Estado estabelece relação com a religião, e como o Estado faz para regular as relações entre as religiões para

desenvolver o que o autor denomina de “fórmulas de paz” (p. 159). Com isso, aponta para o que chama de “conclusão politicamente relevante” (p. 181), em que nas condições modernas pode haver uma versão de separação entre Igreja e Estado que venha justamente a sustentar uma ordem política estável e humana capaz de administrar os pluralismos.

O livro ainda inclui respostas de três eminentes estudiosos da religião em relação aos fundamentos desenvolvidos por Berger. Nancy T. Ammerman afirma que a questão da religião e seu papel num mundo moderno ocupou sociólogos, dentre eles de forma brilhante a Peter Berger, que segundo ela também entendeu que compreender as variações nas relações entre Estados e religiões está entre os quebra cabeças mais importantes, teórica e praticamente, a serem abordados para compreender a religião moderna. O enigma do pluralismo se revela na prática, por exemplo, sobre como o “ecumenismo de rua” encontra expressão cotidiana nos Estados Unidos (p. 189). Na avaliação de Nancy, portanto, Berger oferece pistas para desconstruir inquietações em relação aos medos do que diz ser a “religião e via pública”.

Detlef Pollack inicia afirmando que não é possível substituir a teoria da secularização pela da “volta dos deuses” (p. 217) ao questionar Berger sobre a construção do seu raciocínio na publicação. A teoria da secularização esteve certa quando desenvolveu um discurso secular influente que se aliou ao discurso religioso, mas estava errada quando presumiu que o discurso secular teria expulsado a cosmovisão religiosa e poderia, portanto, ter domínio completo sobre as definições da realidade. Em contraste, a modernização não levou a uma completa secularização da sociedade. Na modernidade há espaço para a pluralidade de cosmovisões e sistemas de valores (p. 218). Para Pollack, há três questões que não permanecem convincentes em Berger: Primeiro, questiona se realmente o autor estaria se distanciando da teoria da secularização, e passa a questionar como a explosão da fé religiosa pode estar acompanhada por uma pluralização do campo religioso. Segundo, refere - se à tese de Berger da coexistência de discurso religioso e secular.

Tomando-se das suas teses e de Alfred Schultz, Berger propõe que há distintos significados na consciência humana e que podem coexistir umas com as outras. Nesse sentido, não há garantia absoluta de que seja possível separar os discursos um do outro (p. 225). Na terceira objeção, Pollack afirma que em países com crescente

pluralização, os conteúdos da fé tornam-se cada vez mais vagos, difusos e indeterminados (p. 228). Berger instiga nesse sentido, novas perspectivas ao relacionar religião e modernidade. Finalmente, a compatibilidade entre religião e secularidade está ameaçada, pois a crescente pluralidade de cosmovisões e religiões, bem como, os conteúdos de fé estão mudando. Todos esses elementos fortalecem a teoria da secularização. Considerando isso, Pollack questiona se Berger não deveria decidir em enfatizar a teoria da secularização num futuro trabalho, ainda mais do que já faz neste. Para Pollack “Na ciência não pode existir uma aceitação de afirmações mutuamente excludentes” (p. 231).

Fenggang Yang aponta que Berger apresenta uma nova teoria da secularização por agenciamento (p. 235). Questiona ainda porque ignora as novas construções dentro do novo paradigma e procura desenvolver um novo paradigma próprio, sendo que dessa forma passa a produzir mais um “paradigma para a religião no mundo” do que “um novo paradigma para o estudo sociocientífico da religião no mundo moderno” (p. 242) em que coloca o pluralismo como “status ideal” na coexistência de múltiplas religiões e secularismos (p. 243). Ou seja, na visão de Yang, Berger dá um passo atrás e depois busca ir adiante no que tange aos tipos de pluralismo para oferecer uma teoria da secularização por agenciamento, que é uma valiosa contribuição, mas precisa de esclarecimentos conceituais para se tornar útil enquanto instrumento para o estudo sociocientífico da religião e do pluralismo religioso.

A reavaliação feita por Peter Berger do paradigma de secularização é sem dúvida uma grande contribuição para compreender o mundo, as relações e as coisas sagradas. É fruto de décadas de trabalho e merece leitura atenta, pois tem a contribuir em discussões contemporâneas sobre a cena religiosa global.